



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR DO CAMPUS LITORAL NORTE
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANA PAULA DANIELLI

**BENZEDEIRAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO ENTRE DIÁLOGOS E
REFLEXÕES:**
ENCONTROS DE SABERES POPULARES EM CAPIVARI DO SUL/RS

Tramandaí
2019

CAPA: Imagem Google

Disponível em: <https://blog.cancaonova.com/livresdetodomal/posso-ir-a-benzedeiros/>

Acesso em: 25 jun. 2016

ANA PAULA DANIELLI

**BENZEDEIRAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO ENTRE DIÁLOGOS E
REFLEXÕES:
ENCONTROS DE SABERES POPULARES EM CAPIVARI DO SUL/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito obrigatório para obtenção de título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte.

Orientador: André Boccasius Siqueira

Coorientadora: Elisete E. Bernardi Garcia

Tramandaí

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Danielli, Ana Paula
BENZEDEIRAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO ENTRE DIÁLOGOS E
REFLEXÕES: ENCONTROS DE SABERES POPULARES EM CAPIVARI
DO SUL/RS / Ana Paula Danielli. -- 2019.
56 f.
Orientador: André Boccasius Siqueira.

Coorientadora: Elisete Enir Bernardi Garcia.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Educação do Campo,
Tramandai, BR-RS, 2019.

1. Autonomia. 2. Benzimento. 3. Povos Tradicionais.
4. Saberes Ancestrais. 5. Sujeitos do Campo. I.
Siqueira, André Boccasius, orient. II. Garcia,
Elisete Enir Bernardi, coorient. III. Título.

ANA PAULA DANIELLI

**BENZEDEIRAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO ENTRE DIÁLOGOS E
REFLEXÕES:**

ENCONTROS DE SABERES POPULARES EM CAPIVARI DO SUL/RS

Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito obrigatório para obtenção de título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte.

Orientador: André Boccasius Siqueira

Coorientadora: Elisete E. Bernardi Garcia

Data de aprovação: (02/07/2019)

Banca examinadora

Prof. Dr. André Boccasius Siqueira

Orientador

Prof.^a Dra. Elisete Enir Bernardi Garcia

Coorientadora

Prof.^a Dra. Jaqueline Mallmann Haas

UFRGS

Dra. Paola Cardoso Purin

IFRS – Osório

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao Diego Danielli, meu filho de corpo e alma e ao Paulo, meu suporte técnico.

Dedico ao meu pai (in memoriam), mãe, irmãos e as famílias Rocha, Mattos e Gomes que se constituíram como minhas.

Dedico as benzedeiiras de Capivari do Sul com seus saberes e fazeres.

Gratidão é a palavra deste trabalho!

Sou grata ao sempre querido e estimado professor-orientador André Boccasius Siqueira pela amizade sincera e por ter acreditado e defendido minhas ideias e escritas;

Sou grata há sempre amada professora Elisete Bernardi Garcia pela amorosidade que conduziu a coorientação deste trabalho;

Sou grata a todos os professores do Curso Licenciatura em Educação do Campo que compartilharam seus conhecimentos e auxiliaram em minha jornada acadêmica. Em especial à professora Claudia Glavam, pelos momentos em que “levamos os pensamentos a passear”;

Sou grata a Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo Campus Litoral Norte e pela Licenciatura em Educação do Campo, em nome das direções da universidade e campus;

Sou grata ao Programa de Assistência Estudantil - PRAE, pelos auxílios financeiros e as bolsas que oferta, possibilitando a permanência enquanto estudantes da instituição;

Sou grata ao projeto Alimentar Mais Desperdiçando Menos, na pessoa do Marcelo Zaro, que tanto me ensinou enquanto bolsista do projeto;

Sou grata a Coordenação do Curso EDUCAMPO pela oportunidade de bolsa e por tantos aprendizados;

Sou grata aos servidores da universidade sempre dispostos a auxiliar em qualquer dificuldade;

Sou grata à colega e para sempre amiga Lara Justin pelo acolhimento carinhoso durante o curso;

Sou grata aos queridos colegas do coletivo Gaia, que fizeram parte desta jornada. Em especial ao colega Loivo Welter com sua vontade de quebrar paradigmas;

Sou grata aos membros da banca pelas valorosas contribuições;

Sou grata...

*[...] encontro gente que não sabe ler livros.
Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse
universo de outros saberes, sou analfabeto.
Não sei ler sinais da terra, das árvores e
dos bichos. Não sei ler as nuvens, nem o
prenúncio das chuvas. [...] neste território,
eu não tenho apenas sonhos. Eu sou
sonhável. (COUTO, 2011, p.14-15).*

“tudo que é feito com amor dá certo!”

(dito da benzedeira)

RESUMO

O presente trabalho investigativo teve por objetivo mediar os diálogos que se constituíram entre os espaços e tempo do curso de Licenciatura em Educação do Campo e os saberes populares das senhoras benzedeadoras de Capivari do Sul. O problema que conduz a pesquisa traduz-se na seguinte questão: de que forma os saberes populares das benzedeadoras podem contribuir para a formação docente de uma educação no/do campo? Para responder essa questão foram entrevistadas três benzedeadoras que vivem no município de Capivari do Sul, no litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul. Assim, buscou-se preservar e valorizar os saberes das senhoras através da história oral e da sistematização de experiências, construir relações entre as benzedeadoras e a EDUCAMPO e alicerçar o quanto os saberes populares possibilitam o fortalecimento da EDUCAMPO como educação libertadora. O referencial teórico que sustenta a investigação conta, principalmente, com autores tais como Freire (1983; 1987; 2002), Brandão (1986), Boff (1999), Chassot (2004) e Morin (2000). Como resultados afirma-se a necessidade de legitimação e preservação dos saberes oriundos dos povos tradicionais. No que tange a formação docente dos professores da Educação do Campo salienta-se o compromisso desses com os sujeitos do campo. Dessa forma, interessa a todo o docente dar visibilidade a tais saberes populares.

Palavras-chave: Autonomia. Benzimento. Povos Tradicionais. Saberes Ancestrais. Sujeitos do Campo.

Abstract

This investigative work, had as objective make a mediation between the dialogues built during the course of Degree in Rural Education and popular knowledge of Capivari do Sul healer's. The guiding question of the research is: How the healer's popular knowledge can contribute to the teacher formation on the Rural Education? To answer this question were interviewed three healers, they live in Capivari do Sul, on the Rio Grande do Sul north coast. Thus, it was sought to preserve and value this healer's knowledge through oral history and the systematization of experiences, weave relation between the healers and the EDUCAMPO and to establish how the popular knowledge strengthens the EDUCAMPO as a liberating education. The theoretical framework that supports the research has authors such as: Freire (1983; 1987; 2002), Brandão (1986), Boff (1999), Chassot (2004) and Morin (2000). The results affirm the need for legitimation and preservation of traditional people's knowledge. In relation to teacher training for Education in Rural areas, we emphasize their commitment to the subjects of the field people. Therefore, it is in the interest of all teachers to give visibility to such knowledge.

Keywords: Autonomy. Benzene. Traditional People. Ancestral Knowledge. Field People.

LISTA DE ABREVIATURAS

EDUCAMPO – Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte.

FACED – Faculdade de Educação

UFRGS/CLN – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Campus Litoral Norte.

MS – Ministério da Saúde.

PICS – Práticas Integrativas e Completares.

PPC – Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – UFRGS/CLN

TUs – Tempos Universidade.

TCs – Tempos Comunidade.

SUMÁRIO

1. <i>(DES)ENCONTROS QUE FORJAM UMA TRAJETÓRIA...</i>	13
1.1 <i>Capivari do Sul e o encontro com o saber popular</i>	14
1.2 <i>Diálogos entre os tempos e espaços da universidade e o surgimento das senhoras benzedadeiras</i>	16
2. <i>O ENCONTRO COM OUTROS SABERES...</i>	19
3. <i>NOS TRAJETOS METODOLÓGICOS...</i>	24
4. <i>EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS SENHORAS BENZEDEIRAS: DIÁLOGOS QUE SE FORMAM</i>	27
4.1 <i>Contexto Histórico, Sócial e Cultural</i>	27
4.2 <i>Benzedadeiras suas trajetórias e seus saberes</i>	29
4.3 <i>A Educação do Campo como pressuposto teórico</i>	31
5. <i>DIÁLOGOS QUE SE AFIRMAM</i>	34
6. <i>À GUIA DE UMA CONCLUSÃO...</i>	49
<i>REFERÊNCIAS</i>	51

1. (DES)ENCONTROS QUE FORJAM UMA TRAJETÓRIA...

Durante minha trajetória como educanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza – EDUCAMPO¹, pude desfrutar de gratos encontros. Dentre esses, destaco o que tive com os diversos saberes que constituem a formação dos sujeitos do campo, os denominados saberes populares. Saberes que forjam e que me constituem como educadora, pois a cada encontro, a cada olhar, diálogo e reflexão, minha trajetória de estudante, de mulher e de pesquisadora foi marcada. Busco me construir como profissional da educação, com uma identidade crítica e emancipatória que valoriza a autonomia dos sujeitos. Acompanho, dessa forma, Freire (2002), quando afirma que a “autonomia é um substantivo feminino que significa independência”, pois foi durante minha formação como futura professora, na EDUCAMPO, que tive contato com essa possibilidade de constituição educativa. De acordo com educador: “aquele que é autônomo é livre”, sendo que essa sempre foi minha prerrogativa de vida. (FREIRE, 2002, p.63).

Na esteira do pensamento freireano, os escritos de Dickmann e Dickmann (2016) sobre a formação de educadores são pautados na pedagogia da autonomia de Freire. Nas palavras dos autores, autonomia é “escrita para discutir a questão da formação de educadores e educadoras na qual faz uma profunda reflexão acerca da prática educativa que gestasse a autonomia dos educandos e educandas” (DICKMANN E DICKMANN, 2016, p.200).

Neste caminho surge a provocação que deu origem a este trabalho. Para isso questionei-me: de que forma os saberes populares dos povos tradicionais, especificamente os vinculados as práticas das benzedeiças desse município, podem colaborar com a formação docente requerida pela educação no/do campo? A fim de construir uma resposta a esse questionamento, apresento, mesmo que de forma sucinta, o *lôcus* da investigação.

¹ Curso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte

1.1 Capivari do Sul e o encontro com o saber popular

No livro "Raízes de Capivari", segundo Pereira (2015, p.13), os primeiros moradores do município que se têm indícios foram os índios Guaranis por meados do século 10, onde se depararam com um rio e muitas capivaras, daí o nome "Capivary" ou "Rio das Capivaras", onde estes índios viviam basicamente de caça, pesca e de plantações de mandioca, feijão e amendoim. Como afirmam também Ribeiro e Vaz (2015),

A denominação Capivary foi dada pelos indígenas e significa Rio das Capivaras, devido à grande presença de animais na região. O Rio deu origem ao nome do município, [...] nasce após o banhado do quilombo e deságua na Lagoa do Casamento. (RIBEIRO E VAZ, 2015, p.24).

Entre os séculos XVI e XVIII com o início da colonização do país e com ela a expansão dos grandes latifúndios, os índios foram escravizados e enviados as plantações de cana de açúcar, juntamente com o povo africano também escravizado, neste período. Como é de fato sabido pelos livros de história sobre a colonização brasileira e neste contexto histórico cultural que os saberes populares se encontram e se fortalecem no município.

Atualmente existe em Capivari do Sul uma Aldeia Indígena Guarani, localizada entre a estrada RS-040 em sentido a Viamão e a Lagoa do Casamento em sentido a Palmares do Sul e um Quilombo, denominado Costa da Lagoa na Estrada RST-101, também em direção ao município vizinho de Palmares do Sul. Povos estes que ainda hoje lutam em busca de reconhecimento sócio cultural, ricos em seus saberes ligados a terra e por consequência à natureza.

Segundo a professora Neusa Maria Carvalho (2015) constatou, em seu artigo do livro Raízes de Capivari do Sul escrito com o auxílio de dois estudantes Gabriel Carvalho Kunrath e Marcos Junior Santos de Souza, sobre o povo Guarani que rê-existe. Que esse "jeito de ser" é uma característica dos povos tradicionais existentes no município, pois "expressam seu jeito tranquilo

de ser e conviver”, mesmo que às vezes em situação de vulnerabilidade (CARVALHO *et all.*, 2015, p.121)

Os autores ainda afirmam que o município de Capivari do Sul “considerado pelo Ministério da Educação – MEC, território etnoeducacional, por trazer em sua composição étnica as comunidades tradicionais: os indígenas e os quilombolas” (*Idem*). O que fortalece a ideia de que os saberes tradicionais presente nas práticas das benzedadeiras se firmam na ancestralidade de um povo que constitui presente nessa comunidade.

As principais fontes de recursos do município são serviços, agricultura, pecuária, comércio de maquinário para lavouras e indústria sementes para o plantio. Segundo dados do IBGE, censo de 2010, o PIB destes segmentos são aproximam-se dos 130.000.000 de reais. O dado obtido através de documento de domínio público, denominado “Perfil Territorial do Litoral Norte do RS”, mostra que a renda *per capita* do município é de 835,57 reais, sendo que 1% da população encontra-se em extrema pobreza e 18,60% são vulneráveis à pobreza. Tais dados nos mostram que a maior renda está concentrada nas mãos de poucos latifundiários.

Observações empíricas realizadas no município nos mostram que as categorias de serviços e indústrias são fomentadas, especificamente, pela agropecuária, e também pelo trabalho, manutenção e escoamento da produção do campo. Há serviços de transporte da produção, do maquinário e, para tal, existe assessoria técnica para cada ramo. As indústrias de sementes, existentes no município, que abastecem as lavouras de arroz. Neste contexto, o município mostra-se voltado para o agronegócio², onde os recursos naturais servem de fonte de energia para ascensão do capitalismo.

² O município de Capivari do Sul/RS tem a principal fonte de renda a monocultura de arroz convencional que utiliza recursos hídricos, bastante abundante na região e, a introdução de produtos químicos por meio de pulverização aérea, causando alguns prejuízos à saúde dos sujeitos do campo.

1.2 Diálogos entre os tempos e espaços da universidade e o surgimento das senhoras benzedeadas

Durante a minha caminhada acadêmica da EDUCAMPO surgiu à tarefa de construir um diagnóstico³ de Capivari do Sul. Foi durante este processo de aprendizagem que constatei a presença de benzedeadas na localidade e pude perceber sua importância.

Oriundas da miscigenação dos povos que chegaram a Capivari do Sul e fizeram daquele lugar seu lar, encontram-se as benzedeadas. Sua presença, com seus saberes populares são difundidos até os dias atuais através da oralidade que permeia as gerações.

Como nos afirmam Danielli e Siqueira (2016) benzedeadas é geralmente uma pessoa mais experiente, conhecedora de saberes de plantas locais consideradas medicinais, condimentares e seus efeitos benéficos e colaterais. Este argumento é ratificado por Oliveira e Trovão (2009), ao confirmarem que

[...] a figura do rezador em algumas culturas tradicionais revela o quanto estes povos se encontram envolvidos com rituais que representam o universo do sagrado, do simbólico ao tempo em que se estabelecem meios de interação entre os grupos e os recursos ambientais utilizados em suas práticas ritualísticas. (OLIVEIRA E TROVÃO, 2009, p.245).

Sendo assim, estas senhoras são portadoras de dons especiais como defende Moura (2011, p.340-342). São pessoas de um poder especial relacionado a fazeres de cura e bem-estar daqueles que as procuram e é por meio de oração, ou seja, diálogo que a benzedeadas "percebe o outro" e utiliza seu dom para prática da benzeção.

Estas informações foram fazendo parte de minha caminhada como futura licenciada e, em certo momento, me perguntei: Por que a figura da benzedeadas me chamara tanta atenção? Passei a questionar-me e assim, problematizar

³ Trabalho Interdisciplinar do segundo semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo, construído no tempo comunidade, como parte avaliativa do componente curricular Seminário Integrador II, apresentado à comunidade acadêmica no 2º semestre de 2016.

minha própria história, e alguns encontros que se constituíram em minha jornada.

Veio-me a lembrança de meu pai dizendo: "tem que levar esse menino para benzer" referindo-se a meu irmão mais novo. Foi nesse momento que escutei pela primeira vez os termos "arca caída" e "quebranto". Veio também à lembrança de que quando fui mãe, ou melhor, durante a minha gravidez alguém, e neste momento me falta lembrança de quem era esta pessoa, disse "não existe benzedura melhor que de mãe". Essa instrução eu sempre segui: faço o sinal da cruz na testa do meu filho e digo em voz sussurrante "eu te gerei, eu te pari, eu te criarei! Se te botaram quebranto eu te tirarei".

Mas só está lembrança não me foi suficiente e entre os encontros que não aconteceram me veio à memória meus avós e tios maternos, os quais me foram privados da convivência, por motivos que fugiram da minha vontade. E grata me foi à surpresa ao saber que meu avô materno benzia contra "cobreiro" uma das minhas tias, irmã de minha mãe, benze "rendido".

Através destes (des)encontros, que envolveram diálogos e reflexões, saberes foram e estão sendo constituídos e compartilhados. Como afirma Brandão (1984) o saber surge e circula, porque esta caminhada está apenas no começo e eu, como um ser em constante formação e transformação, faço uso das palavras do autor, quando afirmo que é preciso "recuar longe, memórias de um passado remoto, para conhecermos como o saber terá emergido a vida e, circulando entre tipos de pessoas terá diferenciado uma região de si mesmo. (BRANDÃO, 1984, p.14).

Na perspectiva de fomentar encontros, diálogos e reflexões em busca dos saberes das benzedeadas do município de Capivari do Sul, proponho identificar e analisar os saberes populares das senhoras benzedeadas, através da história oral, e as interações desses saberes com os pressupostos teóricos da Educação do Campo⁴ enquanto política pública educacional de fortalecimento dos povos tradicionais e a EDUCAMPO.

Por conta dos fatos acima mencionados justifico que este trabalho foi construído a partir do diálogo com moradores do município, quanto à utilização

⁴ Escrito por extenso significa modalidade de ensino.

da benzeção e a maneira com que estes recorrem à prática do benzimento⁵, em busca de curas para os males do corpo e da alma, na proteção de lavouras e dos animais quando afetados por pragas que surgiu a figura da benzeadeira. Além disso, foram realizados encontros com as senhoras benzeadeiras em que foram evidenciados os saberes populares que atravessavam suas práticas.

Para preservar e valorizar os conhecimentos existentes nos saberes populares das benzeadeiras, que perpassam as gerações através da oralidade dos povos tradicionais, busco descrever como foi o processo de reconhecimento destas mulheres como benzeadeiras e como se deu e dará a perpetuação deste saber. A pretensão será então, propor diálogos entre os saberes populares das senhoras benzeadeiras do município de Capivari do Sul com os pressupostos teóricos da EDUCAMPO.

Com o propósito de compreender e construir relações entre as benzeadeiras e a EDUCAMPO se idealizou refletir sobre o quanto os saberes populares possibilitam o fortalecimento da EDUCAMPO como educação libertadora. Tendo como base os diversos encontros acadêmicos, que fazem parte de reflexões sobre minha (re)construção, enquanto sujeito em formação acadêmica, sigo escutando e refletindo para que se constitua um alicerce sólido neste trabalho.

⁵ Em alguns textos publicados em revistas brasileiras, o termo também tem sinônimo de “benzeção, benzedura ou reza” (Cascardo,2000).

2. O ENCONTRO COM OUTROS SABERES...

Para compor este capítulo, que teve o intuito de fazer uma revisão de literatura, foi realizada uma pesquisa no repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, onde pretendo tencionar encontros de diálogos com outras pesquisas, outros saberes e olhares sobre o tema escolhido para este trabalho de conclusão de curso para que reflitamos acerca das concepções e ideais da educação do campo como educação libertadora.

Buscando na historicidade entendimento das práticas cotidianas das benzedeadas e seus saberes populares fui além da pesquisa no referido repositório. Desse modo, Lakatos e Marconi (2003, p.75) definem os saberes populares como “transmitidos de geração em geração por meio da educação informal”. Na mesma direção de entendimento, o pesquisador Attico Inácio Chassot os definiu “os saberes populares são os muitos conhecimentos solidariamente e, às vezes, com muita empiria ou experimentação” (CHASSOT, 2004, p. 250). Xavier e Flôr (2015, p.310) nos lembram “Chassot passou a nomear os saberes populares de saberes primevos, referindo-se a saberes dos primeiros tempos, inicial, primeiros”. Assim como termo saberes populares é utilizado por essa pesquisa para designar os conhecimentos que as senhoras benzedeadas apresentam através de seus dons.

Ao iniciar a pesquisa entre trabalhos acadêmicos e técnicos com os termos/descriptores “saberes populares”, “benzedeadas” “educação do campo”, todos os termos entre aspas, não foi localizada nenhuma pesquisa que abranja o tema escolhido, já entre as dissertações e teses, utilizando os mesmos termos possibilitou-me gratos encontros com outras pesquisas.

No primeiro encontro dialogarei com a pesquisa de Suzana de Azevedo Araújo (2007) com o título “Paradoxos da Modernidade: A crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre”, pesquisa apresentada como tese para titulação de doutorado em Antropologia Social pela UFRGS, que destaca a presença de benzedeadas na Ilha da Pintada, na cidade de Porto Alegre e a tese de Valéria Leodete Pulga (2014), intitulada “Mulheres Camponesas Plantando Saúde, Semeando Sonhos, Tecendo Redes de Cuidados e de Educação em Defesa da

Vida”, trabalho realizado para obtenção de título de doutora pela Faculdade de Educação – FAGED/UFRGS, que nos conta o trabalho das mulheres camponesas e seus fazeres quanto ao uso e cultivo de plantas medicinais e como auxiliam na prevenção de doenças.

Estas duas pesquisas dialogam diretamente com este trabalho, pois mostram os trabalhos das mulheres detentoras de algum saber popular, sendo elas benzedeadas, ou não, mas que fazem da natureza seu laboratório para a prevenção de doenças e curas para os males do corpo e da alma e transmitem estes saberes através de gerações, como afirma Araújo (2007) em sua pesquisa.

A prática da benzedeadura é composta de rezas e orações, proferidas pelas benzedeadas, com o intuito de aliviar os malefícios e curar as doenças que atingem o cotidiano dos moradores. (ARAÚJO, 2007, p.38)

E assim, as benzedeadas seguem trocando saberes e fazeres sobre as plantas medicinais, conversando e escutando, o que corrobora com a pesquisa de Pulga (2014) que diz:

As plantas medicinais podem ter utilizações diversas para as mulheres, que as usam para chás, sucos, caldos, gargarejos, lavagens intestinais, banhos, cataplasmas, xaropes, pomadas, inalações, tinturas, elixires, florais, compressas, clister, entre outras. O conhecimento sobre as plantas, sua composição, utilização, formas de preparo e cuidados vem dos saberes tradicionais, repassados de geração em geração pela oralidade. (PULGA, 2014, p.145)

As duas pesquisas mencionadas acima dialogam diretamente com este trabalho, pois trazem consigo situações que mostram como as mulheres benzedeadas constituem espaços educacionais de construção e preservação dos saberes populares através dos tempos, pois historicamente em busca de reconhecimento e autonomia, pois elas, “as bruxas foram queimadas vivas no período da Inquisição, por serem detentoras dos saberes”, onde faziam uso da ancestralidade e de seus sentidos em comunhão com a natureza. (PULGA, 2014, p.146).

Diante disso é que se constituíram estes momentos de diálogos, de trocas de saberes e de fazeres com as plantas medicinais, com o cuidado e a reflexão e o acompanhamento das pessoas que precisam de apoio e atendimento, trazendo assim a produção de cuidado da vida e da saúde na sua trajetória através da história oral.

O terceiro trabalho me levou a um encontro com os quintais de Cleomara Nunes do Amaral, defendida em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Em sua pesquisa intitulada "Multifuncionalidade e Etnoecologia dos Quintais de Agricultores Tradicionais da Baixada Cuiabana: Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar" que tem em seu objetivo principal relatar os saberes que se constituem nos quintais e festas na Baixada Cuiabana, onde a autora assevera que os quintais são lugares de fazeres e de saberes dos povos tradicionais, onde encontramos benzedeadas, benzedores⁶ e rezadeiras com seus múltiplos saberes. "No quintal essa identidade visivelmente se revela", e foi especificamente no município de Jangada que ela encontrou a benzeção, como assim relatou em sua pesquisa, sobre os saberes e as práticas das benzedeadas e os simbolismos que estão envolvidos.

Pôde-se presenciar uma antiga prática religiosa que ainda persiste nos dias atuais, embora cada vez menos frequente. Trata-se da benzeção. No caso de Jangada, nos dois casos presenciados a benzeção ocorreu no quintal, sendo que em um dos casos foi realizada por um homem, e em outro, por uma mulher. Durante as benzeções é comum a utilização de objetos que contêm valores e simbologias específicos, sendo utilizados de acordo com a necessidade da benzeção. No caso de Jangada as benzeções foram realizadas com o intuito de evitar mau-olhado ou quebrante – nesse caso os benzedores utilizavam ramos, que podiam ser de arruda. Na falta da arruda, segundo os benzedores, 'qualquer outra planta do quintal servia'. (AMARAL, 2014, p.195).

Assim, como em várias localidades, a existência de benzedeadas ainda se faz presente, sendo de grande utilidade para quem delas necessita, como ocorre no município de Capivari do Sul. Destaca-se que foi evidenciado por

⁶ O que difere desse trabalho é que em Capivari do Sul não foi encontrado nenhum homem benzedor.

historiadores, como interpreta Lima (2015), sobre a presença de quatro Benzedeadas moradoras do município.

Contudo não posso deixar de relatar o grato encontro com a pesquisa intitulada "Educação, um Caminho que se faz com o Coração: Entre Xales, Mulheres, Xamãs, Cachimbos, Plantas, Palavras, Cantos e Conselhos" de autoria da pesquisadora Neide Regina Friedich (2012), o qual foi apresentado como tese para obtenção de título de doutora em educação pela FAGED. Esta é uma pesquisa de cunho etnográfico que teve em seu objetivo principal "estudar a espiritualidade, o xamanismo, rezas e benzedeadas" na perspectiva da mulher indígena que se utiliza de "cachimbo" para expressar o ato do benzimento, (FRIEDICH, 2012, p.8). Este trabalho traz consigo a presença do povo Guarani, com seus conhecimentos ancestrais de povos tradicionais, tão pertinentes à EDUCAMPO e necessários a preservação da identidade dos povos tradicionais.

Percorrendo outros caminhos em busca de outras pesquisas que fizessem relação com o tema "saberes populares", "benzedeadas" e "Educação do Campo", (e para minha felicidade) me deparei com a pesquisa de Celuta dos Santos Rosa Moreira em 2015. Essa foi realizada como trabalho de conclusão de curso pela Faculdade UNB Planaltina – FUB – Educação do Campo – Ciências da Natureza e Matemática, com o título "Rezas e Benzedeadas: Contribuições dos Saberes Tradicionais Kalunga para a Educação do Campo". Tal estudo vem dialogar diretamente com o tema deste trabalho, pois a autora tem em seu trabalho de cunho etnográfico, "o intuito de perceber como os saberes do povo Kalunga podem auxiliar nas práticas da Educampo". Identificando que, apesar do esvaziamento destes saberes, a comunidade reforça a continuidade do ato de benzer. Conforme a autora,

[...] os resultados podem afirmar que a comunidade mantém viva tradições e costumes muito importantes para a preservação dos Kalunga e que estes se apresentam mesmo como um patrimônio cultural de um Brasil que precisamos preservar. (MOREIRA, 2015, p.8).

Por meio deste trabalho ficou evidenciado o quanto o fortalecimento da identidade de um povo e a preservação de seus saberes corrobora com os princípios da Educação do Campo.

Outro encontro por estes caminhos de pesquisa é de autoria de Márcio Barradas Sousa (2015), intitulado "Saberes e Práticas Educativas de uma Curadora da Amazônia". Neste estudo onde o autor analisa as práticas educativas existentes no ato do benzimento e os diversos saberes presentes na sabedoria popular de uma benzedeira da comunidade de Abacatal – PA. Aborda, dentro da perspectiva educacional, o quanto é significativo para o doente a aprendizagem no momento da cura, pois é no "atendimento que o processo de ensino-aprendizagem" acontece, (SOUSA, 2015, p.69).

E, assim, por conta de os encontros com os diversos saberes que permeiam a oralidade das benzedeiros, compreende-se que essa pesquisa possa ser de grande contribuição para resguardar e valorizar os saberes e fazeres destas mulheres como práticas educativas, pois elas se colocam à disposição de outrem para curar-lhes males do corpo e da alma, doando seus sentidos para o bem viver de quem as procura.

3. NOS TRAJETOS METODOLÓGICOS...

Para fundamentar metodologicamente esta pesquisa, que versa sobre a existência de benzedeiros na comunidade, encontrei na Biblioteca Municipal o livro "Raízes de Capivari do Sul" organizado por Vera Lucia Maciel Barroso e Pedro Airton Bastos (2015), composto por vários artigos. O que me chamou atenção foi o texto "As Benzedeiros", de autoria da professora Graça Duarte Lima (2015, p.174), na época professora de ciências na escola municipal. Este artigo originou-se a partir de uma atividade de pesquisa com os estudantes do oitavo ano, que indicou a existência de benzedeiros no município.

Para dar conta de uma infinidade de histórias e saberes, optou-se pela pesquisa qualitativa. Portanto, esta pesquisa traz uma abordagem qualitativa. Percorreu os caminhos metodológicos da história oral, tendo em vistas à compreensão dos processos vividos pelas benzedeiros, e a sistematização de experiências, pois é através dela que pretendo organizar as experiências vividas durante a pesquisa e a formação docente no Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Nesse mesmo sentido, SILVA (2005) afirma, em sua pesquisa, que os "pesquisadores qualitativos são interessados em compreender o significado que as pessoas constroem, isto é, como fazem o sentido do seu mundo e [quais ou como são] as experiências que eles têm no mundo", além disso, prezam por "compreender o fenômeno de interesse a partir da perspectiva dos participantes, não dos pesquisadores". (MERRIAN, *apud* SILVA, 2005, p.68).

Enquanto os diálogos se formam com as benzedeiros e as informações são coletadas, o entrevistador não intervém com suas percepções prévias, pois compreende-se "a ênfase dada ao papel do pesquisador como mediador na produção dos dados" (SILVA, 2005, p.69). Assim pretende-se fazer com os saberes das benzedeiros neste estudo.

Sob o conceito de história oral, busco a valorização e a preservação destes saberes que emergem nos diálogos através de seus gestos, falas e certezas e que são transmitidos pela oralidade, transformando-se em memória de uma comunidade e, assim perpassando às gerações futuras.

Mello (2005) explicita que “a utilização da história oral objetiva a recuperação da memória individual e coletiva, para que sirva como documento para a reconstrução de uma época”. Assim, o autor argumenta ainda que,

devemos atentar que a História Oral possibilita recuperar versões de acontecimentos e não a reconstrução dos próprios acontecimentos tais como eles aconteceram. O que lembramos? Quem? Onde? Por quê? Em que situação? O que esquecemos? Não é equivoco dizermos que a paisagem de nossa memória está repleta de objetivos, cenários, lugares, sabores, cheiros, mas sobretudo, afetos e marcas significativas a partir do vivido (MELLO, 2005, p.65).

Seguindo para a análise dos dados coletados pretendi estabelecer relações entre os saberes das benzedeadas com os pressupostos teóricos da Educação do Campo como licenciatura e modalidade de ensino. Assim evidenciou-se a necessidade de percorrer pelo caminho metodológico da sistematização de experiências, visto que as experiências vividas durante minha trajetória, enquanto estudante da Educação do Campo, fortaleceu-me a criticidade e a autonomia para contextualizar o processo vivido durante a presente pesquisa. Ao discutir sobre essa temática, Holliday (2011a) afirma que a

sistematização de experiências é uma interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de sua ordenação e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido: os factores que intervieram como se relacionam entre si e porque é que sucederam dessa forma. (HOLLIDAY, 2011, p.03).

Tendo em vista que uma pesquisa tem, por si só, a potencialidade de gerar aprendizagens que sejam significativas, e que a sistematização de experiências tem entre suas características a “narração de acontecimentos”, que acometem um processo de “interpretação crítica”, o ponto de chegada de uma pesquisa elaborada através da sistematização de experiências é “tornar comunicáveis as aprendizagens”, que se instituem após as interpretações e percepções encontradas nas trajetórias estabelecidas (*Idem*)

Para identificar a real existência de benzedeiros na comunidade utilizou-se o método denominado *Snow-ball* ou bola de neve (BAILEY, 1994), onde a primeira benzedeira entrevistada indica a próxima convidada a participar como colaboradora da pesquisa, buscando assim, uma “seleção intencional de informantes” como descrevem os autores (ALBUQUERQUE; LUCENA; LINS NETO, 2010, p.28). Nessa perspectiva, intencionalmente, foram realizados contatos com pessoas da comunidade, do referido município, com o intuito de iniciar a aproximação com a primeira benzedeira.

Estabelecendo assim o contato inicial com as senhoras para a realização da pesquisa, destaca-se que este estudo se orienta pelas prerrogativas da dialogicidade de Paulo Freire, conceito e ação que nos inspiram à “comunicação e intercomunicação” entre sujeitos que aprendem e crescem em diferentes ambientes, diferentes culturas, mas sempre com respeito aos princípios morais, pois busca através do diálogo a “humanização de todos” (FREIRE, 1983, p.44).

Esta humanização é encontrada no Plano Político do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – PPC/EDUCAMPO que traz como “fundamento teórico-conceitual” o currículo, pois discorre sobre as vivências no campo quando afirma “que a escola não é o único espaço educativo dessa realidade” (UFRGS, PPC, 2013, p.06), pois os encontros com os saberes populares das benzedeiros se apresentam como espaços e tempos de educativos, presentes em Capivari do Sul.

Neste viés, as conversas entre pesquisadora e benzedeiros tiveram como base da entrevista um breve questionário semiestruturado (apêndice 01) com a intenção do direcionamento dos diálogos estabelecidos. As entrevistas foram gravadas e anotações foram realizadas em caderno de campo, com vistas à compreensão dos saberes populares das benzedeiros pelos saberes e fazeres que expõem. Com o intuito de preservar as identidades das entrevistadas, optou-se em nomeá-las com nomes de flores⁷.

⁷ Combinação realizada no primeiro contato com as senhoras benzedeiros identificadas no município por esta pesquisa.

4. EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS SENHORAS BENZEDEIRAS: DIÁLOGOS QUE SE FORMAM

Pretendendo explicitar como esta pesquisa contribuiu para formar diálogos entre a figura da benzeadeira, com suas falas, olhares, saberes e fazeres que tem sua origem ancestral nos saberes dos povos tradicionais, e os pressupostos teóricos da Educação do Campo, enquanto um curso de formação de professores e modalidade de ensino.

Assim, tornando possível a observância e a constatação de que existem senhoras benzeadeiras em Capivari do Sul, que com seus instintos, saberes e experiências de vida que doam seus conhecimentos para a (re) construção da oralidade de povos historicamente sujeitados aos processos de colonização.

4.1 Contexto Histórico, Social e Cultural

Durante o tempo de realização desta pesquisa ficou evidenciada a presença de benzeadeiras, rezadeiras e/ou curadores em várias comunidades tradicionais espalhadas por diversas partes do Brasil. Com seus saberes e crenças firmados na ancestralidade de índios, africanos e europeus, esta "miscelânea de práticas" como afirmam Boing e Stancik, (2013) ocorre principalmente pela miscigenação étnica proveniente da colonização brasileira.

Povos que tinham em sua origem práticas curativas e deixaram como herança seus costumes, tradições, seus saberes, pois "no Brasil ocorreu a confluência das formas de curas europeias com aquelas praticadas pelos nativos e pelos africanos escravizados" (BOING e STANCIK, 2013, p.85). Como são evidenciados pelos livros de história os povos tradicionais foram perseguidos durante o processo de colonização e seus saberes tradicionais foram quase dizimados.

Na literatura encontramos vários vocábulos que podem ser sinônimos do termo benzeadeira. Um deles é o de rezadeira, "geralmente idosa, que tem o poder da cura por meio do benzimento", pois utilizam seus saberes para o

progresso do alívio de moléstias do corpo e mente, conforme Cascudo (2000, p.587) no Dicionário de Folclore Brasileiro.

Sobre o contexto histórico e sócio- cultural destaca-se que a prática da benzeção está intrinsecamente ligada à Colonização Brasileira. Atualmente, os conhecimentos holísticos estão inseridos nas atividades de alguns municípios do país, auxiliando nos tratamentos convencionais de doenças.

A humanidade sempre esteve à procura de cura para os males que assolaram suas épocas e mesmo com os avanços científicos da medicina, existem os que procuram pela cura através dos dons e saberes de benzedeadas ou conhecem alguém que recebeu um benzimento.

Atualmente no Brasil os saberes populares dos povos tradicionais são valorizados na área da saúde, sob Portarias Ministeriais nº 971 em 03 de maio de 2006 (BRASIL, 2006) e nº 1600 de 17 de julho de 2006, através das Práticas Integrativas Complementares – PICS, no Sistema Único de Saúde – SUS (BRASIL, 2006).

O Ministério da Saúde – MS, em seu site, assegura que as PICS “são tratamentos que utilizam recursos terapêuticos baseados nos conhecimentos tradicionais” (BRASIL, 2006), os mesmos evidenciam benefícios de tais práticas vinculados aos tratamentos convencionais. As normas são válidas para os estados e municípios.

Ao pesquisar sobre o número de municípios que fazem atendimento utilizando práticas ligadas aos povos tradicionais foram encontrados “267 municípios” do estado do Rio Grande do Sul e Capivari do Sul não atende a população com as PICS, segundo publicação da Agência de Saúde em seu site (BRASIL, 2018).

Os fazeres e as práticas das rezas das benzedeadas trazem em si a continuidade de saberes populares, acumulados pelas suas vivências. Assim as benzeduras sobrevivem pelas mãos dessas senhoras portadoras de dons mágicos, como é reafirmado por Oliveira e Trovão (2009), fortalecendo a ideia de pertencimento e preservação do saber popular pelos povos tradicionais, onde “os rezadores são pessoas que desenvolveram o dom da cura no seio das comunidades que adquiriram seus conhecimentos”.

Em algumas culturas tradicionais revela o quanto estes povos se encontram envolvidos com os significados e simbologias das benzeção, conforme afirmam OLIVEIRA; TROVÃO, (2009, p.245). Remetendo assim ao pertencimento da crença, do poder simbólico da benzeção ainda no início deste século XXI, apesar de todo aparato tecnológico na ciência biomédica.

De forma solidária a benzedeira busca em seus saberes, rezas e movimentos, recursos necessários à prática do benzer, expondo assim seus sentidos no ato da benzedura. O que corrobora com o movimento realizado por Marisete T. Hoffmann-Horochovski, que pretende com o seu trabalho proporcionar um "movimento de resgate e valorização" dos saberes populares que fazem parte da "cultura imaterial" (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015, p.110) de determinada sociedade. Pois, desde os tempos primitivos, a espécie humana observa e experimenta através dos seus sentidos (visão, paladar, tato, olfato e audição), possibilitando, assim, sua sobrevivência e continuidade da vida terrestre.

Com base nos diálogos estabelecidos durante a pesquisa o saber popular das benzedeadas de Capivari vem repleto de percepções, de rituais e simbolismos. Consolida-se através de sonhos com santos, até pela herança de observações durante momentos em família. Nas falas das benzedeadas ficou evidenciada uma "forte crença" nos rituais e na fé (ZEN *et all.*, 2012, p.139a). Encontramos vestígios de que os saberes das benzedeadas ainda são solicitados pelos conhecimentos que expõem, pelos saberes populares que herdaram ou pelos dons que receberam através da oração e fé.

4.2 *Benedeadas suas trajetórias e seus saberes*

Seguindo as informações do texto de LIMA (2015), nesta pesquisa como material empírico, anunciava-se a existência de quatro benzedeadas no município. Utilizando o método escolhido para esta pesquisa foram encontradas três benzedeadas. Neste trabalho não pretendemos explicitar a identidade das senhoras entrevistadas. Para isso, o nome das benzedeadas foi substituído por nomes de flores.

A primeira benzedeira com que tive contato foi D. Margarida, senhora de um olhar doce e de uma generosidade sem dimensões. Dona de uma fala gentil, recebeu a proposta de participar da pesquisa um pouco desconfiada, pois negou ser benzedeira e afirmou que apenas fazia um xarope. Com o decorrer da entrevista confessou já haver benzido, demonstrou ainda possuir grande saber sobre plantas medicinais. Assim, D. Margarida indicou a próxima benzedeira.

D. Camélia, neta de benzedeira famosa na região, logo questionou o que seria feito com as informações que ela fornecesse. Expliquei que este trabalho era um requisito para minha formação. Ela demonstrou entre falas e gestos o medo que tinha quando pequena de seu dom. Vaidosa como se mostrou, não quis afirmar a idade. Quando questionada a primeira vez sobre sua religião desconversou e mostrou algumas fotos da família.

Chegando até D. Rosa a encontrei pela primeira vez sozinha em casa. Estava sentada em uma poltrona em frente à televisão que transmitia um programa de orações, sofria com uma moléstia na perna, não se locomovia com facilidade. Mas apesar disso, tinha um semblante de mulher forte, que passara muita dificuldade na vida. Não indicou outra benzedeira, afirmou ser a única da cidade. Foi durante a construção desta pesquisa que D. Rosa deixou a vida, falecendo aos 88 anos.

Assim, estão apresentadas aqui, de forma sucinta, as benzedeiros participantes dessa pesquisa, atendendo a metodologia estabelecida para a seleção das participantes, onde uma benzedeira indicava a outra, até não haver ou não ser indicada nenhuma outra benzedeira na comunidade.

O saber que cada uma traz em suas memórias vem repleto de saberes em seus gestos e falas. Por isso é que o diálogo vem aqui como ferramenta de comunicação, como Zitkoski (2009), inspirado em Freire afirma, "o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico problematizador em relação à condição humana", pois foi durante os diálogos com as benzedeiros que elas explicitaram seus saberes, sua ancestralidade, seu modo de estar e ver o mundo. Isso traz um compromisso ao pesquisador em reproduzir as palavras ditas pelos

pesquisados, pois implica em “uma práxis social” (ZITKOSKI, 2009, p.130), uma responsabilidade com a memória e com os saberes que as benzedeadas expõem.

Contudo, Paulo Freire (1983) ainda nos inspira mais quando nos diz que “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humaniza para a humanização de todos” (FREIRE, 1983, p.28). Assim como as benzedeadas também o fazem, por meio da generosidade que manifestam em suas falas e suas memórias por meio de sua oralidade.

4.3 A Educação do Campo como pressuposto teórico

Foi na EDUCAMPO que esta pesquisa pode propor diálogos entre as benzedeadas e a Comunidade. Primeiro, com a atividade proposta no componente curricular Seminário 6, onde foi promovida a extensão denominada como “Diálogos de Saberes” entre as benzedeadas e o grupo de agricultores familiares do município. Ainda, durante os componentes curriculares Estágio de Docência 1, 2 e 3, onde tive a oportunidade do contato com os estudantes e apresentar a pesquisa enquanto estava sendo realizada, e, ainda, contextualizar o quanto os saberes populares estão enraizados na cultura da comunidade.

A Licenciatura em Educação do Campo traz como pressuposto teórico a formação de docente em áreas do conhecimento de forma interdisciplinar, alicerçado na pedagogia da alternância, pedagogia esta que se desenvolve nos Tempos Universidade – TU e Tempos Comunidade – TC. (UFRGS, PPC, 2013, p.09).

Destaca-se que os referidos tempos se abrem como espaços de aprendizagens e construções de conhecimentos, pois os licenciados têm a possibilidade de analisar criticamente os conteúdos aprendidos durante os TU's por meio dos componentes curriculares, seminários integradores, dos trabalhos interdisciplinares e dos estágios 1, 2 e 3, nas modalidades de ensino fundamental e médio, na perspectiva de contextualizar a prática do ensino, da pesquisa e da extensão nos espaços formais e não formais educativos nos TC's.

Assim indicam Duarte e Bernardi (2016), quando afirmam que:

Nessa perspectiva os tempos comunidade e tempos escolares são entendidos como espaços contínuos de aprendizagem [...] a pedagogia da alternância vem sendo apontada como a melhor alternativa para a educação básica, pois possibilita a relação expressiva entre as três agências educativas: família, comunidade e escola. (DUARTE; BERNARDI, 2016, p.70).

A Educação do Campo, enquanto modalidade de ensino, se propõe primeiramente a atender as populações do campo, segundo Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que se entende por,

agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, quilombolas, caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outro que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural. (BRASIL, Decreto 7.352/2010. Art. 1º, § 1º, Inciso I).

O que quer dizer, homens e mulheres do campo, ou seja, os sujeitos que “historicamente lutam por uma educação diferenciada de qualidade, que respeite as especificidades da vida neste contexto”, conforme (UFRGS, PPC, 2019, p.2). Vem também romper com a dicotomia da educação como rural e urbana, compreendendo-as como lugares de mesmo valor e que se complementam entre si.

Segundo o Caderno Secad 2, da Secretária da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, a Educação do Campo vem como uma proposta de mudança de paradigmas entre escola rural e do campo, na qual a escola rural serve apenas como uma “proposta desenvolvimentista para o campo, em geral centrada no agronegócio e na exploração dos recursos naturais”, (BRASIL, 2007, p.13) enquanto a educação do campo consistiu-se como uma educação que contextualiza as aprendizagens estabelecidas pelos currículos e a realidade dos sujeitos do campo, com respeito às suas especificidades.

Na EDUCAMPO esta contextualização é realizada por meio dos conceitos de sustentabilidade aprendidos nos componentes curriculares de Ciências da Natureza, Ciências Agrárias e Educação Ambiental, pautados nos pressupostos teóricos da agroecologia de forma sustentável, onde o homem deve se

enxergar como parte constituinte da natureza, respeitando os diversos saberes, as individualidades dos sujeitos em sua historicidade e seu modo de vida.

Mas, a compreensão de uma educação do campo como licenciatura e modalidade de ensino vai além, como afirma Molina (2015) que,

[...] para continuar garantindo a reprodução material de suas vidas a partir do trabalho na terra, é imprescindível que a formação dos educadores que estão sendo preparados para atuar nestas escolas, considere, antes de tudo, que a existência e permanência (tanto destas escolas, quanto deste sujeitos), passa, necessariamente, pelos caminhos que se trilharão a partir dos desdobramentos da luta de classes; do resultado das forças em disputa na construção dos distintos projetos de campo na sociedade brasileira. (MOLINA, 2015, p.149).

Fazendo assim, uma provocação aos futuros docentes: de assumir um compromisso de luta em busca de equidade a todos os sujeitos, com direito a educação gratuita e de qualidade, atendendo as especificidades das condições de vida dos povos do campo. O que entra em concordância com um dos objetivos específicos descrito no PPC/EDUCAMPO de pretende “fortalecer a relação entre educação no e do campo, em busca de problematizações que auxiliem de forma sustentável o desenvolvimento social e cultural de uma região” (UFRGS, PPC, 2013, p.7).

Para contextualizar o significado de no/do campo trago o conceito trabalhado pela autora Roseli Caldart, no qual afirma que, “NO: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. DO: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura, e às suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2005, p.27) o que entra em concordância com os componentes curriculares das ciências humanas, que colaboram para as relações de ensino aprendizagem da prática docente.

5. DIÁLOGOS QUE SE AFIRMAM

Com o intuito de que sejam compreendidos os diálogos entre benzedeadas e pesquisadora, que se constituiu nos tempos comunidade da EDUCAMPO, e “oferece-se também como local para a aprendizagem” (DUARTE; BERNARDI, 2016), pretende-se sistematizar as experiências vividas no contexto pesquisa, pois, como afirma Holliday (2011), uma das características da sistematização de experiências é que ela “contempla a narração dos acontecimentos, a descrição dos processos, a escrita da memória”, e para isso a sistematização “valoriza os saberes das pessoas que são sujeitos das experiências” (HOLLIDAY, 2011, p.4), observando que essa prática de análise vem encharcada de vivências através dos saberes e fazeres das benzedeadas de Capivari do Sul.

O que nos leva a refletir sobre a sistematização, pois ela não é um modelo pronto de análise para os aspectos de vivência da pesquisa, são inspirações que devem favorecer o ordenamento dos registros que permearam a pesquisa. E nesta perspectiva o autor assegura que a sistematização serve “para contribuir para a reflexão teórica com os conhecimentos sugeridos diretamente das experiências” (*Idem*). Esse conceito de sistematização de experiências é encontrado também nos escritos de Fernanda dos Santos Paulo, nos quais a autora afirma que “fazer o registro, a partir de uma pesquisa nos exige muito trabalho, olhar crítico, sensível e compromisso” (PAULO, 2019, p.34) com a análise dos dados obtidos pela pesquisa.

Nessa perspectiva, para delinear as experiências vividas pretende-se explicitar os registros⁸ realizados durante os diálogos estabelecidos no decorrer da realização da pesquisa e os pressupostos teóricos estabelecidos pela EDUCAMPO. Para tal, foi utilizado o questionário semiestruturado que orientou os diálogos com as benzedeadas de Capivari do Sul.

Assim para iniciar, foram expostas aqui as primeiras observações e leituras do contexto sob os quais as senhoras entrevistadas expõem seus

⁸ Apresentamos em caixa de texto, registros da pesquisadora nos diversos encontros formais ou informais. Com cada entrevistada houve em média cinco encontros.

saberes e fazeres como benzedeiras, para fins de registros, possibilitando assim uma maior compreensão das relações firmadas nesta pesquisa.

D. Margarida de pele clara, sua face enrugada mostra os anos passados através do tempo, mas traz muita sabedoria em seu semblante. De olhos azuis profundos que parecem conhecer-te uma vida inteira, e ainda iluminada por lembranças e saberes. Com uma voz baixinha e tranquila traz em suas palavras, gestos e silêncios muita sabedoria, saberes estes constituídos por história de vida.

Com sua moradia estabelecida no centro do município mais de 40 anos vivenciou o crescimento da comunidade e mesmo assim consegue manter um quintal, de aproximadamente 5 metros quadrados, onde cultiva muitas variedades de plantas medicinais e condimentares. Tendo em suas atividades rotineiras a manutenção do quintal, pois é comum passar em frente a sua casa, cedinho da manhã e avistá-la no cuidado com suas plantas, colhendo ervas, podando os galhos, varrendo tudo, como sendo um ritual de fazeres com muitos saberes parecendo fazer daquele quintal seu altar, ao qual sempre pede licença à natureza antes de entrar, seu encontro de todos os dias com sua religiosidade.

D. Camélia uma mulher de baixa estatura, sempre atendeu a pesquisa preocupada em estar com boa aparência, maquiada e perfumada. Com sua voz mesmo tranquila transmite uma força em sua palavra que aparenta ser outra pessoa falando. Sempre bem animada confessou, em um dos encontros, como gosta de ir ao baile do Grupo da Boa Idade⁹, associação a qual faz parte.

Durante o tempo em que esta pesquisa foi desenvolvida a senhora sempre demonstrou interesse em repassar os saberes acumulados suas experiências vividas ao lado da avó, com quem aprenderá o ofício de benzedeiras. Entre gestos, palavras, olhares lembrou, os momentos de quando era criança quando andava a cavalo pelos campos que seu pai criava

⁹ O Grupo da Boa Idade, instituído no município de Capivari do Sul em 1998, desde então recebe apoio da Prefeitura Municipal de Capivari do Sul, através do Crás. O grupo costuma oferecer bailes no primeiro final de semana de todos os meses.

gado e como o auxiliava na doma de cavalos e nos trabalhos que envolviam os conhecimentos populares dos homens e mulheres do campo.

Saberes que se constituem pela oralidade dos sujeitos e dá luz às aprendizagens obtidas pelo trabalho no campo, na lida com a terra e no trato com os animais, aprenderá com o pai muitas formas de cuidados e tratamentos de cura para com as plantas e animais.

D. Rosa mulher, negra trazia em seu rosto linhas marcadas pelo tempo, por suas vivências, por suas histórias. Notou-se ser muito ligada a família, pois conforme a família foi crescendo, foram construindo suas moradas juntos à dela.

Em um lar humilde tem, em um pequeno quarto de sua casa, seu altar com algumas imagens de santos entre elas, com certo destaque dado as imagens de Nossa Senhora Aparecida e São Jorge. Terços, livrinhos de rezas, figuras de caboclos, carrancas e fotos de diversas pessoas que já haviam passado por aquele santuário, tudo muito organizado sobre duas toalhas sobrepostas de cores azul e branca aos pés dos santos.

As paredes pintadas de branco e algumas cadeiras de madeira com assentos de palha cobertos por uma almofada branca de algum material sintético e vasos com alguns tipos de plantas conhecidas por espadas de São Jorge¹⁰ compunham o ambiente. Em uma das paredes havia um cabide com um jaleco branco, parecia pronto a ser usado, no bolso havia seu nome bordado, isso transparece um sentido de comprometimento como a benzeção, pois tinha como sua profissão ser Benzedeira.

Repletas de saberes as benzedeadas explicitam em suas práticas o saber do cuidado com as pessoas, com sua casa, com a terra e por consequência com o planeta, com generosidade e de forma honrada atendem e entendem as solicitações de quem as procuram.

Nesta perspectiva inspirada em Leonardo Boff, (1999) pode-se afirmar que o principal fundamento da vida humana é o "cuidado e a com-paixão". Assim o autor afirma que "O cuidado é, na verdade, um suporte real da

¹⁰ Plantas das espécies *Sansevieria trifasciata*

criatividade, da liberdade e da inteligência". Pois é no cuidado que o ser humano esbarra no seu "ethos fundamental" (BOFF, 1999, p.1).

Os saberes populares sobrevivem desde os tempos primórdios e estabelecidos pela necessidade de cuidado com os seres humanos e o planeta, desta forma os saberes que as benzedeiras apresentam podem servir de inspiração para que se reestabeleça nos sujeitos o senso de humanidade, que parece esquecido nesta sociedade contemporânea. Com isso uso das palavras que o autor afirma em seu livro,

sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se contribuirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, o cuidado com as plantas e os animais, as paisagens queridas e especialmente o cuidado com a generosa Mãe, a Terra. Sonhamos e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação (*Idem*).

Fazendo-se assim essencial a divulgação das práticas dos saberes populares para um retorno as raízes históricas, visto que na sociedade contemporânea se faz necessário espelhar-se na "sabedoria ancestral dos povos" em busca de novos modelos sustentáveis voltados para o cuidado com o planeta.

O autor ainda nos faz pensar quando afirma que humanidade passa por uma "crise civilizacional", onde homens e mulheres se encontram em um processo de "descaso e abandono" entre si e com a natureza, com a "Terra Mãe", visto que estes saberes e práticas foram constituídos através dos tempos, unindo-se à religiosidade estabelecida como construção social humana (*ibdem*). O que nos leva ao que se afirma no PPC/EDUCAMPO, "pois o campo é um território de produção de vida, de produção de novas relações sociais". (UFRGS, PPC, 2019, p.4).

Para dar continuidade à sistematização da experiência foram utilizadas as três primeiras perguntas do questionário que conduziu a pesquisa, pois traz uma apresentação por parte das entrevistadas no primeiro encontro com elas.

As perguntas a seguir estão relacionadas com a idade, origem familiar, profissão e religião.

Dona Margarida No primeiro encontro recebe a entrevista de forma desconfiada, mas aceita responder os questionamentos, acerca de seus saberes com as plantas medicinais. Encontrava-se acompanhada de uma tia que senta junto a ela durante a conversa¹¹. Afirmou ser uma senhorinha com 70 anos de idade, reconhece-se como pertencente à religião católica. Quando questionada sobre suas experiências de vida *"eu não tenho muita experiência em nada, eu só fui e sou dona de casa a vida toda, casei e vim morar em Capivari, onde tive e criei meus filhos"*. Hoje em dia afirma frequentar a casa do artesão, pois lá ela encontra algumas amigas e auxilia na comercialização dos artesanatos produzidos por algumas mulheres da comunidade.

D. Camélia quando questionada sobre a idade diz não gostar de falar quantos anos tem e logo devolve uma pergunta passando as mãos no cabelo *"quantos anos você acha que eu tenho, me achas muito velha?"*. Segue falando enquanto ri e faz o sinal com as mãos mostrando oito dedos *"mas eu sou velinha mesmo! Ou quase, quase..."* que demonstra suas experiências acumuladas nos seus quase oitenta anos, sem religião¹² definida acredita que Deus esteja na natureza presente em tudo e todos. Nascida no distrito de Capão da Porteira/Viamão, município vizinho, foi morar em Capivari do Sul ainda criança com seus avôs, que viviam de negociar gado na região.

Dona Rosa Quando questionada se ela aceitaria participar dessa pesquisa soltou uma gargalhada e falou *"mas eu não sei nada, eu só sei é rezar como nossa senhora me ensinou"*, afirmou em suas falas *"nasci e fui criada nessa terra"* referindo-se a Capivari do Sul, com 86 anos de idade, disse que *"Casei novinha, tive meus filho que já tiveram os filhos deles, meu marido que sempre trabalhou muito para sustentar a casa, morreu trabalhando em cima de um cavalo"*, revelou ainda, que sempre teve como atividade o cuidado

¹¹ Quando a tia escuta que D. Margarida fora indicada como benzedeira, a tia lhe segura o braço e responde por ela: -- Mas ela não benze! Ela é católica!

¹² Embora não assuma claramente, deixou a entender que já frequentou terreiros de umbanda e que seu Mestre é de Viamão, o qual visita sempre que sente necessidade.

com a casa e com os seus 06 filhos, auxiliando ainda na criação de seus sete netos e oito bisnetos.

Quando questionada sobre sua religião disse ser católica e que *"enquanto eu pude ir à igreja nunca perdi nenhuma reza do terço"¹³* que nunca perdeu o terço rezado na igreja São Jorge. Ainda diz que reza todos os dias em jejum, sempre ora em nome de algumas pessoas, relata ainda que devido *"ficamos velhos e com a idade que estou já não é tão fácil chegar à igreja"*, enquanto fala da dificuldade de locomoção devida à idade.

Provocando uma análise nos excertos¹⁴ acima escritos, foi adicionada uma nota de rodapé em cada diálogo com as senhoras respondentes dessa pesquisa. Para que reflitamos sobre o que fica por entre linhas nos diálogos e o que significa... Não é benzedeira, por ser católica? Deixar implícito qual religião é adepta? Mulheres é que ficam em casa e rezam?

Existem ainda pessoas que entendem que a benzeção está ligada a religiões 'escusas', como o candomblé e outras menos valorizadas pela população em geral, parecendo que apenas o catolicismo valida a prática da benção. Isso traz a observância de que pode advir às vezes da família, uma tentativa de abafar, de não deixar emergir os dons de benzedeira. Não são benzedeiros porque são católicas, ou ao contrário, se é católica não pode ser benzedeira. Ideia que vem de encontro com as pesquisas de Boing e Stancik (2013); Zen *et al.* (2012) e Araújo e Aguiar (2014) afirmam em seus trabalhos que todas as benzedeiros encontradas pelas respectivas pesquisas são católicas, pois a religião não impediu que aquelas mulheres se reconhecessem como benzedeiros.

Ainda sobre a problematização do estigma que a mulher fica em casa e tem 'tempo de rezar', fica evidente que estas mulheres se apresentam com resquícios de uma sociedade machista, culturalmente patriarcal, como assim define Pulga (2014), quando cita o autor Leonardo Boff inspirando a

¹³ A reza do Terço é ainda realizada por mulheres da comunidade semanalmente, na Igreja de São Jorge, localizada no centro municipal.

¹⁴ Os excertos das benzedeiros foram reproduzidos sob a correção gramatical da Língua Portuguesa, para fins de constituir uma melhor escrita.

compreensão deste tema, quando escreve que o patriarcado se configura como projeto de dominação, sendo “implantado pelo homem-varão, marginalizando a mulher” (PULGA, apud BOFF, 2014 p.116). Onde o papel da mulher era minimizado aos afazeres domésticos e expressões de fé.

Existiram também ocorrências desta natureza na história dos povos tradicionais como sociedades patriarcais, os Xamãs do povo indígena e os Curandeiros do povo africano, neste tempo a cura perpassava apenas na mão de homens. Visto que estes povos tiveram seus saberes mais difundidos no período colonial, através do sistema escravagista, onde os homens por serem mais fortes, serviam para a labuta e as mulheres para o serviço doméstico, mantendo assim contato com a cultura europeia. Ficando nas mãos das mulheres o dever de perpetuar rituais presentes em suas culturas.

Neste contexto relembra a autora ainda afirma que, “se encontra muito viva, ainda hoje, uma estrutura familiar bastante conservadora, rígida nos princípios, mantendo a reprodução da cultura patriarcal” (PULGA, 2014). Existem ainda muitos paradigmas a serem vencidos em relação às situações históricas, sociais e culturais de opressão que essas mulheres, enquanto sujeitos que são, enfrentaram.

Mas em contrapartida, essas situações de opressão apresentam-se também, como processos de aprendizagem, pois foram através destas situações vivenciadas pelas senhoras que seus saberes e fazeres constituiu-se e na “práxis” do diálogo, como nos anuncia Freire quando afirmou que “são nas palavras, no quefazer”, que os sujeitos se apresentam ao mundo, uma vez que é pelo diálogo as benzedoras pronunciam ao mundo sua oralidade e sua ancestralidade oriunda dos povos tradicionais (FREIRE, 1987, p.44).

O que leva aos próximos diálogos sobre quando e como iniciou as quais as práticas relacionadas ao seu dom? De que maneira foi seu aprendizado como benzedora e como este se apresenta enquanto saber popular? Através de quem recebeu esses conhecimentos e para quem serão repassados? Como as benzedoras expunham seus fazeres?

D. Margarida seu envolvimento com a benzedura é o trabalho com as
--

ervas na fabricação de xaropadas e emplastos. Ao primeiro momento a entrevistada não se diz benzedeira apenas que fornece xarope àqueles que a procuram. Em um segundo encontro conforme a conversa se encaminhou, ela se mostrou mais à vontade e mostrou sua horta onde cultivava suas ervas consideradas medicinais. Naquele espaço, acaba confidenciando que benze machucados com um pequeno pedaço de algodão branco e depois o *"joga fora com o machucado"*.

Sobre seus conhecimentos a senhora foi questionada sobre quem a ensinou trabalhar com as ervas. Verbalizou que aprendera com o tio, este que era conhecido com grande curandeiro na região *"muita gente vinha de longe para consultar meu tio, ele curou muita gente..."*.

Algumas das ervas que destacou na fabricação do xarope foi o poejo¹⁵ que desse ser *"bom"* para o pulmão; o guaco¹⁶ utilizado para *"acalmar a tosse"*, dando ênfase para o cuidado com o açúcar que se usa para preparação do xarope *"tem que ser o mascavo porque é mais limpo"*, ou seja, sem aditivos químicos que são utilizados no branqueamento e refino do açúcar¹⁷. Ela ainda afirmou como usa a flor da guanxuma¹⁸ no preparo de chá para curar diarreias.

D. Margarida insistente em falar sobre o cuidado que devemos ter ao ingerir os chás, afirmando que *"tem que cuidar as quantidades e a qualidade das ervas, não é só sair fazendo e tomando chá. Tudo tem a medida e a quantidade certa para cada doença, tem que conhecer a planta"*.

Ela como dona de casa ainda fala da utilização de produtos de limpeza que é *"muita química, faz mal para quem limpa"* e mostrou como se pode fazer um branqueador de tecidos à base de cinza *"mas tem que ser cinza de madeira boa"*, afirmando que deve ser utilizada madeiras de lei *"quanto mais nó na madeira melhor"*, referindo ao cerce da madeira.

Sobre a perpetuação dos saberes expostos em seus fazeres e saberes

¹⁵ Planta de nome científico *Mentha pulegium*.

¹⁶ Planta de nome científico *Mikania glomerata*.

¹⁷ O açúcar mascavo também denota a origem do conhecimento, ou seja, de uma época em que se fabricavam os próprios alimentos, como o açúcar mascavo que tem origem no suco da cana de açúcar.

¹⁸ Planta de nome científico *Sida rhombifolia*. Observações empíricas mostraram que a guanxuma é utilizada como vassoura.

Dona Margarida, disse que a bisneta de seis anos sempre se interessa pela horta, pela preparação das ervas, ajuda na lavagem *"quando ela chega logo vem dizendo: bisa, bisa vamos pegar chazinho"*. A perpetuação dos seus conhecimentos do ofício de benzedeira, vê naquela bisneta a única interessada entre os seus familiares que demonstra aptidões para seguir a tradição adquirida com o tio, irmão de sua mãe, pois é um conhecimento familiar.

D. Camélia demonstrou um vasto conhecimento sobre as ervas medicinais, afirmou que em casos de dores abdominais indica sempre o chá de *"macela"¹⁹, esse age em casos de dores nessas partes* diz ela indicando a parte do abdômen. Em um dos encontros relatou uma lista de ervas que trazem benefícios medicinais como o manjeriço²⁰, *"mas tem que ser o da folha larga"*, para dores de cabeça, *"quando o mal é quebranto eu pego um alho²¹, corto no meio e deixo na frente da pessoa na hora de rezar"*, relatou ainda, como utiliza a arruda²² para curar dor de ouvido *"eu colho um galinho, mas tem que ser na hora e abafo a planta em um pano branco aquecido"* assim pede que a pessoa deite, coloca o pano enrolado com a planta sobre o ouvido da pessoa e reza pedindo auxílio dos anjos no alívio do benzido.

Afirma que a energia vinda das palavras e dos pensamentos é poderosa *"quando a pessoa vem aqui, procurando por benzimento"*, referindo-se a sua morada *"primeiro eu escuto e depois falo algumas coisas porque a pessoa tem que entender da força que a palavra e o pensamento têm"*.

Quando questionada com quem aprendeu e se existe em algum familiar o desejo de seguir o ofício de benzedeira, relatou que o saber sobre as plantas medicinais aprendera com o pai e as rezas que professa diz ter aprendido com sua avó e lamenta não ter prestado mais atenção enquanto está era viva, pois em um de seus relatos diz que nunca quis ser benzedeira porque *"era feio ser bruxa, eu tinha medo daquelas vozes que eu escutava e do que os outros iam dizer"*.

No entanto, seguindo um *"chamado maior"* decidindo assim seguir os

¹⁹ Planta de nome científico *Achyrocline satureioides*.

²⁰ Planta de nome científico *Ocimum basilicum*.

²¹ Planta de nome científico *Allium sativum*.

²² Planta de nome científico *Ruta graveolens*.

passos e os conselhos de sua "avozinha" com quem ainda sonha e mostra como ela deve proceder em determinado caso, "e sempre aparece alguém aqui precisando daquela indicação da avozinha, às vezes demora alguns dias ou até meses, mas a pessoa sempre aparece".

Sobre a preservação dos saberes expostos por ela D. Camélia com olhos mansinhos fala com amor no neto que já pediu que a avó escrevesse aquelas palavras que ela fala baixinho porque um dia ele ainda vai precisar "eu escrevo tudo nesse caderno, como se fosse cartas de avó para netos" e ainda mostra que escreveu várias poesias para o tão querido neto, "assim ele vai ter lembranças de mim", relatou abraçando com carinho aquele caderno.

Entre as diversas conversas sobre "causos de benzeduras", como afirmou a benzedeira, que quando solicitada por alguém ela pede que a pessoa se sente, passa um "cheirinho" para acalmar a pessoa, geralmente essência de lavanda²³ ou jasmim²⁴, demanda que a pessoa diga o que deseja, ora mantendo as mãos firmes, como se passasse energia, reza e após indica um salmo que o benzido deve ler todos os dias como oração.

A senhora ainda relatou que sempre indica que a pessoa não deixe de procurar a medicina convencional "para curar tem que fazer tudo certo". Dona Camélia ainda nos afirma que é chamada para benzer lavouras e criações de animais contra pragas quando "os remédios ficam fracos" assim tratando dos herbicidas e inseticidas utilizados na produção de convencional de grãos e carne, produtos estes produzidos no município.

D. Rosa quando questionada sobre como recebera o dom de benzer contou que sua perna sempre doeu "eu lembro ter essas dores desde novinha, às vezes não conseguia nem dormir" chegando a acreditar que iria perder os movimentos daquela perna. Em certa noite entre as várias tentativas de dormir e com muita dor "eu não dormia há dias minha perna queimavam, mas o sono era tanto que acabei dormindo", esta noite teve o primeiro sonho com Nossa Santa, de quem alega ter recebido o dom de benzedeira.

Mas ressaltou em sua fala que "quando eu sonhei coma Santa pensei

²³ Planta de nome científico *Lavandula sp.*

²⁴ Planta de nome *Jasminum sp.*

que era coisa da minha cabeça", pois humilde e com pouca instrução não se achava capaz de tal ato. *"Minha Santinha me falou no sonho para eu benzer todos que chegassem até mim, que aliviaria minhas dores"* a partir daquele dia as pessoas começaram a chegar à porta de sua casa pedindo por benzimentos.

Começou então a comprar livros de orações e imagens de santos e que através de outros sonhos entendeu que apenas a fé em suas palavras era o suficiente para atender aqueles que chegam a sua humilde morada. Usa de galhos de algumas plantas no ato da benzeção, depende da área benzida usa determinada planta, *"mas se a coisa é complicada uso folha de mamona²⁵ para benzer"*.

Para mal olhado e quebranto a senhora alegou utilizar ramos se arruda *"depois do galho usado tem de queimar e jogar a cinza no verdinho"*, como indicação para chás afirmou que *"espinheira santa²⁶ melhora as dores no estômago e diminui a barriga e hortelã pimenta acaba com a insônia"*. Ela ainda afirma que a benção lhe é solicitada em plantações e criação de animais.

Referindo-se as maneiras que as pessoas chegam doentes solicitando o benzimento D. Rosa relatou sempre questionar o benzido sobre as indicações do médico, pois *"a pessoa chega aqui, muitas vezes já tomando remédio e quer tomar mais chá e não é assim que funciona estando medicado eu só faço é benzer, pedindo para minha Santa abençoar"*, referendo-se ao mal que a automedicação provoca no organismo humano seguiu afirmando *"as pessoas misturam tudo, tomam remédios e chá por conta isso acumula no corpo e não faz bem"*.

Afirmou ainda benzer pessoalmente ou por peça de roupa branca, ou ainda por fotos. Ressaltou ainda que *"aqui vem gente de dinheiro e sem, nunca cobre nada para benzer"*, interpelou a benzedeira, quando indicou a direção de seu altar, *"ganho muito terço, muita imagem de santo das pessoas que eu benzo"*.

Quando questionada sobre a perpetuação dos seus saberes, D. Rosa afirmou que ninguém benzia na família antes dela e que nenhum de seus

²⁵ Planta de nome científico *Ricinus communis sp.*

²⁶ Planta de nome científico *Maytenus ilicifolia.*

descendentes mostrou interesse de operar o ofício, assim ela respondeu que “*essa juventude não quer saber de rezar, só querem saber das coisas da idade deles*”, demonstrando assim em sua fala que em ninguém da família despertou para tal ofício.

Os saberes expostos pelas senhoras benzedadeiras veem regados de simbolismos e conhecimentos, mesmo que empíricos, pois trazem consigo o desejo do restabelecimento, físico ou espiritual, daqueles que a procuram.

Portanto, aqui demonstra imprescindível a preservação e a valorização dos saberes das benzedadeiras encontradas em Capivari do Sul, devido à idade avançada das senhoras, pois como afirma Chassot “*existe uma necessidade urgente de preservar muitos saberes populares que estão em risco de extinção*” (CHASSOT, 2011, p.251), o que reforça a ideia dessa pesquisa que pretende valorizar os saberes populares oriundo dos povos tradicionais, que hoje se fazem presentes entre os sujeitos no e do campo.

Para resguardar estes saberes “*é necessário aprender a valorizar os velhos e os não-letrados como fontes de conhecimentos*”. O autor ainda vai mais além, quando anuncia que “*a benzedeira não faz apenas rezas mágicas que afastam o mau-olhado; ela reconhece chás para curar o cobreiro, que o dermatologista diagnostica como herpes-zóster*” (*Idem*), possuindo assim, seus saberes sobre as plantas e suas propriedades fitoterápicas que se mostram intrinsecamente ligados aos saberes dos povos tradicionais, sendo exposto na forma de xaropadas, emplastos, pomadas, oração e benzimentos.

Outro aspecto a ser explorado nessa pesquisa foi o de descrever um perfil das benzedadeiras encontradas no *lócus* da pesquisa: mulheres humildes, idosas, detentoras de saberes recebido através da oralidade, adquiridos por aprendizagens e por dons concedidos por santos ou anjos, pois na perspectiva de Oliveira e Trovão (2009), essas senhoras doam aos benzidos seus saberes através da representação de muita fé por “*indicações terapêuticas de uso medicinal e ou religioso*” como afirmam (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009, p.246).

Durante os diálogos estabelecidos com as benzedeiros pode-se observar, entre seus saberes e fazeres, práticas de sustentabilidade que vem de acordo com os pressupostos teóricos da EDUCAMPO.

D. Margarida entre um encontro e outro foram evidenciadas práticas consideradas de sustentabilidade por parte da benzedeira e alguns simbolismos intrínsecos em seus fazeres rotineiros, em certa vez enquanto conversávamos observei ela retirando água de um tambor para regar as plantas, a benzedeira afirmou colher água da chuva para *"alimentas as plantas e limpar a casa"*, salientou ainda que para as plantas *"não é boa dar água que vem da torneira [...] boa é água que vem do céu"*, ressaltou em sua fala ainda que *"não é qualquer chuva porque também tem a sujeira do telhado, tem que ser aquela chuva que lava tudo"*, utilizando o termo 'lavar tudo' vem repleto de simbolismo, pois ela designa *"que a água corrente lava o mal"*.

D. Camélia ressaltou uma severa crítica aos meios de produção alimentícia *"as pessoas chegam aqui com essa doença maldita"*, referindo-se aos variados tipos de câncer, *"eu acho que é por causa de tanto veneno as pessoas utilizam, ninguém que mais capinar"*, esta afirmação é utilizada pela senhora quando afirma que até em pequenas hortas caseiras é utilizado veneno para matar o inço. Continua ainda quando afirma que *"eles vão lá põe veneno que mata tudo e não entendem que não matam só o inço da terra [...] eles matam a terra também"*. Falou ainda que *"eles utilizam também, veneno nos animais que servem de alimento para as pessoas"*, exemplo que dá quando é solicitada a benzer criações de animais para abate, *"eles vem pedir para benzer depois que veneno nenhum dá resultado"* referindo-se as infestações de parasitas nos animais.

D. Rosa Uma das falas que mais chamou a atenção e relevância a pesquisa foi quando indagada sobre qual, em seu entendimento, seria a maior causa das doenças que levam as pessoas a procurá-la. Ela foi enfática argumentando sobre a produção de alimentos *"hoje em dia as pessoas só querem comer salada, alimentos comprados! Ninguém quer mais plantar suas verduras... aí imagina um repolho que uma folha vai cobrindo a outra e cada"*

camada de folha recebe esses venenos que se passa nos alimentos e nem se sabe o que estes venenos vão fazendo dentro dos corpos das pessoas, daí eles vão chegando aqui doentes", tal questionamento dito assim nos faz pensar na grande quantidade de agrotóxicos usados nas lavouras. Tais substâncias químicas povoam os céus de Capivari do Sul em seus aviões pulverizando a lavoura e, por consequência, visto que a cidade faz limite às plantações, também a área urbana do município.

Seus saberes são aplicados de maneira cosmológica, nos chamados de emergência, na hora de escutar o próximo, independentemente à sua necessidade. As senhoras fazem uso de suas percepções para auxiliar no bem-estar das pessoas que buscam auxílios, ou seja, benzimentos e bênçãos, dos saberes que foram adquirindo, através de suas experiências de vida. Assim as benzedeiros apresentam ações educativas.

As benzedeiros trazem em suas práticas e seus saberes ao que o autor Leonardo Boff (1999) chama de a Nova Filosofia que,

apresenta-se holística, ecológica e espiritual. Ela funda uma alternativa ao realismo materialista, com capacidade par devolver ao ser humano o sentimento de pertença à família humana, a Terra, ao universo e ao propósito divino [...] A moderna cosmologia demonstrou que este universo é matematicamente inconsistente sem a existência de um Espírito Sagrado e uma Mente infinitamente ordenadora. (BOFF, 1999, p.09).

E que tendem a serem subjetivas presas nas expressões de seus gestos, pois são imensuráveis os saberes acumulados por estas senhoras, e que também fazem parte da história cultural impalpável da comunidade.

O que corrobora, com o currículo da EDUCAMPO e como este norteia as aprendizagens propostas aos acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação do Campo, pelos eixos geradores e temáticos, como descrito no PCC/EDUCAMPO, pois os eixos temáticos "favorecem um diálogo entre a realidade local e o conhecimento acadêmico" enquanto os temas geradores "problematizam questões, dúvidas e discussões desafiadoras oriundas do

diálogo entre a prática social e os saberes produzidos” (UFRGS, PPC, 2019, p.9-10).

Nesta perspectiva o que ficou evidenciado nos diálogos foram às afirmações das senhoras a respeito dos cuidados que devemos ter com o ambiente em que vivemos, com a degradação ambiental e humana existente hoje. Elas exaltam em seus simbolismos a necessidade de despertar nas novas gerações a sensibilidade, o cuidado e, sobretudo, um olhar holístico ao tratar do ambiente em que se vive.

Assim as benzedeadas apresentam um educar intrínseco em seus fazeres, pois através dos diálogos, nos momentos de cura, que elas procuram sensibilizar através de suas práticas para uma nova consciência sobre sustentabilidade, sobre amorosidade e sobre caridade.

Os componentes curriculares alternativos-obrigatórios da EDUCAMPO, “Educação e Espiritualidade” e “Educação e Envelhecimento” colaboraram para uma melhor compreensão quanto as “perspectivas bio e cosmoéticas, e multiculturais” e aos “processos individuais e sociais de envelhecimento”, como encontramos nas descritas nas ementas das disciplinas (UFRGS, PPC, 2019, p.28) existentes no contexto do desenvolvimento humano, os quais as benzedeadas trazem com seus ensinamentos. Assim uso das palavras de Edgar Morin sobre como deve ser educação,

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária: uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano (MORIN, 2000, p.47).

Essa educação que encontro intrinsecamente ligada as práticas das senhoras benzedeadas, em seus gestos e olhares e entre os diálogos e reflexões, se materializam as relações entre os saberes populares e os pressupostos teóricos da educação do campo nas mais diversas instâncias.

6. À GUIZA DE UMA CONCLUSÃO...

Ao finalizar mesmo que provisoriamente, como todo trabalho de pesquisa é, retomo a questão que mediou o trabalho: 'De que forma os saberes populares dos povos tradicionais, especificamente os vinculados as práticas das benzedeadas desse município, podem colaborar com a formação docente requerida pela educação no/do campo?'

Ao realizar a construção desta pesquisa questionei-me sobre o porquê do tema benzedeadas chamava minha atenção. Uma das possíveis respostas que obtive foi percorrendo minha própria história, pois lembrei fatos que trouxeram à tona minha ancestralidade, também oriunda da miscigenação entre os povos tradicionais durante a colonização brasileira.

Os encontros proporcionaram muitos aprendizados, valendo a pena ressaltar que os diálogos com as benzedeadas não aconteceram em um único momento e que muitos deles ocorreram, alguns marcados, outros pelo simples fato de passar pelo caminho da casa das interlocutoras ou pelo acaso e o diálogo vir a acontecer.

Sinalizo o quanto me angustiava o fato das benzedeadas terem a idade avançada, visto que uma das senhoras faleceu no percurso da pesquisa. Além disso, como ficará a perpetuação da benzeção? Pois elas têm muito a nos ensinar. Rememoro e posso dizer que cada momento com elas foi seguramente de muita aprendizagem e enriquecimento humano. Seus saberes, fazeres e práticas contribuíram para esta pesquisa e para minha formação humana e acadêmica.

Neste sentido, os motivos já citados reafirmam que acredito importante para a valorização e a perpetuação dos saberes das benzedeadas de Capivari do Sul. As benzedeadas têm em suas práticas a representação de uma cultura ancestral, popular que favorece a memória e as tradições dos povos tradicionais.

Os rituais são fortemente marcados pelo cuidado com terra e com o ser humano. É marcado pela atenção que é dado a cada detalhe de suas práticas,

o pedir licença para entrar entre suas plantas, os detalhes se seus altares, o caderno de orações guardado com muito carinho.

Os saberes populares oriundos dos povos tradicionais são utilizados como instrumento de sobrevivência e de muita utilidade para estimular a permanência e o empoderamento da identidade dos sujeitos do campo. Identidade essa que está intrinsecamente ligada a Educação do Campo e que durante o decorrer da pesquisa as benzedadeiras apresentaram, através de seus vastos saberes, práticas empíricas que tinha em suas experiências ações de sustentabilidade.

Posso dizer também que foi na Educação do Campo, como educanda, que encontrei esta prática de liberdade e autonomia, sendo que não me foi negada a curiosidade, muito pelo contrário ela foi instigada através de cada trabalho realizado e está a mim sendo ensinada como a práxis de uma educação libertadora. Vários encontros foram possibilitados.

Ao concluir sinalizo que ao pesquisar sobre o número de municípios que fazem atendimento utilizando práticas ligadas aos povos tradicionais foram encontrados “267 municípios” do estado do Rio Grande do Sul. Ao pesquisar quais são estes municípios notou-se que Capivari do Sul não faz parte dos municípios rio grandenses que atende a população com as PICS, segundo informações obtidas no site da Agência de Saúde, do Ministério da Saúde, publicou em seu site (BRASI, 2018). O que deixa margem para que para novas pesquisas.

Outras possibilidades para novas pesquisas dizem respeito a surpresa que tive quando me apresentei em eventos acadêmicos e a recepção positiva do trabalho, pois sempre instigava alguém a contar suas experiências e histórias com benzedadeiras. Assim, posso perguntar o porquê esse tema é invisibilizado pela academia, principalmente na instituição que estou me formando?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos Participantes da Pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife, PE: NUPEEA, 2010. P. 21-38.

AMARAL, Cleomara Nunes do. **Multifuncionalidade e Etnoecologia dos Quintais de Agricultores Tradicionais Da Baixada Cuiabana: Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/132887>. Acesso em 03 dez. 2018.

ARAÚJO, Julio dos Santos; AGUIAR, Rodrigo Simas. As benzedeadas no assentamento Itamarati 1. In: **ENEPEX: Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão**. 8º ENEPE UFGD, 5º EPEX UEMS. 2014.

ARAÚJO, Suzana Azevedo. **Paradoxos da Modernidade: A crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/10780>. Acesso em 03 dez. 2018.

BAILEY, K. **Methods of social research**. Nova Iorque: The force press, 1994.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOING, Lucio; STANCIK, Marco Antonio. **Benzedeadas e Benzimentos: Práticas e Representações no município de Ivaiporã (1991 – 2011)**. Ateliê de História UEPG v.01, n.01, p. 85-96, 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/view/3914>. Acessado em: 15 dez. 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL, Decreto nº7.352 de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Diário Oficial da União – Seção I – 5/11/2010, p.1 (Publicação Original).

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretária do Desenvolvimento Territorial. Perfil Territorial do Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Dados do PIB de Capivari do Sul. Disponível em http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_229_Litoral%20%20ORS.pdf; Acesso em jun/ 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade - SECAD/MEC. Cadernos Secad 2. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.portal.mec.org.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/publicacao>

BRASIL, Ministério da Saúde. Portal da Saúde. Práticas Integrativas e Complementares: quais são e para que servem. 03 mar. 2019. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>

BRASIL, Ministério da Saúde. Agência de Saúde. No Rio Grande do Sul, 267 municípios utilizam práticas integrativas no tratamento de paciente do SUS. 03 mar. 2019. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agenciasaude/42818-no-rio-grande-do-sul-267-minicipios-utilizam-praticas-integrativas-no-tratamento-de-paciente-do-sus>

CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. Ed. Expressão Popular. 2005.

CARVALHO, Neusa Maria; KUNRATH, Gabriel Carvalho; SOUZA, Marcos Junior Santos de. Capivari do Sul: Memórias Familiares e Desafios Profissionais In: BARROSO, Vera Lucia Maciel e BASTOS, Pedro Airton. **Raízes de Capivari do Sul**. Porto Alegre: Evast/Evangraf, 2015.

CHASSOT, Attico Inácio. **A Ciência Através dos Tempos**. 2 eds. Reform. São Paulo: Moderna, 2004. Atualizado em 2011.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

DANIELLI, Ana Paula; SIQUEIRA, André Boccasius. **Saberes e Histórias das Benzedeiças no Litoral do Rio Grande do Sul**: Reflexões Primevas. VI Simpósio Afrocultura, v.04, P. 89 - 98. Frederico Westphalen, 2017. Disponível em:

<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/publicacoes/publicacoesarquivos/284.pdf>

Acessado: 22 ago. 2018.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivan. **Primeiras Palavras em Paulo Freire**. São Paulo: Ação Cultural, 2016.

DUARTE, Claudia Glavam; BERNARDI, Elisete Enir. Da invisibilidade às políticas públicas de formação de professores para as escolas no/do campo. In: **Revista Científica Trajetórias Multicursos**, v.7, n.1, 2016. Disponível em: <http://www.sys.facos.edu.br/ojs/index.php/trajetoria>. Acesso em 12 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8 eds. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª eds. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25 eds. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRIEDRICH, Neidi Regina. **Educação, um Caminho que se faz com o Coração**: Entre Xales, Mulheres, Xamãs, Cachimbos, Plantas, Palavras, Cantos e Conselhos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/61745>. Acesso em 03 dez. 2018.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. Benzeduras, garrafadas e costuras: Considerações sobre a prática da benzeção. **Revista Guajú**, Matinhos v. 1, n. 2, p. 110-126. Jul/dez., 2015. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/45038>. Acesso em 15 dez. 2016.

HOLLIDAY, Oscar Jarra. O Desafio e a Paixão de aprender. In: **Para Sistematizar Experiências**. Costa Rica, Alforja, 1998. Disponível em: <<http://new.institutofonte.org.br/wp-content/.../12/O-desafio-e-a-paixao-de-aprender-2.pdf>>. Acessado em 20 mar. 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Pesquisa Nacional por Cidades, Capivari do Sul. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?coduf=43>; Acesso em jun. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Graça Geneci. As Benzedeadas. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel e BASTOS, Pedro Airton. **Raízes de Capivari do Sul**. Porto Alegre: Evast/Evangraf, 2015.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular**: da Intenção ao Gesto. Porto Alegre: Isis, 2005.

MOLINA, M. C. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil n. 55, p. 145-166, Editora UFPR, 2015.

MOREIRA, Celuta dos Santos Rosa. **Rezas e Benzedeadas**: Contribuições dos Saberes Tradicionais Kalunga para a Educação do Campo. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza e Matemática) – Universidade de Brasília. Planaltina, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/58547782-Faculdade-unb-planaltina-fup-licenciatura-em-educacao-do-campo-celuta-dos-santos-rosa-moreira.html> Acesso em 03 dez. 2018.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários para uma educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000. Disponível em: <http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/.../setesaberesmorin.pdf.pdf> Acesso em 15 mar. 2019.

MOURA, Elen Cristina Dias de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual da benção. Rio Grande do Norte. **Revista de Humanidade – MNEME**. Ed. 11, v. 29, p. 340-368. Jan./jul. 2011. Disponível em <http://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/980/964>. Acesso em: 15 dez. 2016.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzedura: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **R. Bras. Bioci.** Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 245-251, jul./set. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Memórias e Trajetórias: sistematização de experiências de educação popular e movimentos sociais**. São Paulo: Dialogar, 2019.

PEREIRA, Mário Oli Moreira. O Legado da História no Processo Educacional. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel e BASTOS, Pedro Airton. **Raízes de Capivari do Sul**. Porto Alegre: Evast/Evangraf, 2015.

PULGA, Vanderléia Laodete. **Mulheres camponesas plantando saúde, semeando sonhos, tecendo redes de cuidado e de educação em defesa da vida**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/115967>. Acesso em: 03 dez. 2018.

RIBEIRO, Flávia Martins; VAZ, Alessandra. Rio Capivari. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel e BASTOS, Pedro Airton. **Raízes de Capivari do Sul**. Porto Alegre: Evast/Evangraf, 2015.

REZADEIRA. In: **Dicionário do Folclore Brasileiro: Revisto, atualizado e ilustrado**. São Paulo: Global, c2016.

SILVA, Helena Lopes da. **Sentidos de uma Pedagogia Musical na Escola Aberta: Um Estudo de Caso na Escola Aberta Chapéu do Sol** Porto Alegre, RS. Tese (Doutorado em Educação Musical) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/17774>. Acesso em: 03 dez. 2018.

SOUSA, Marcio Barradas. **Saberes e Práticas Educativas de uma Curadora da Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado

do Pará. Belém, 2015. Disponível em:

<https://paginas.uepa.br/mestradoeducacao/index.php?option=com...view>

Acesso em: 03 dez. 2018.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. **Projeto Pedagógico do curso de Graduação Licenciatura em Educação do Campo (PPC)**. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2013.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. **Projeto Pedagógico do curso de Graduação Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (PPC)**. Campus Litoral Norte. Tramandaí, 2019.

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. Saberes Populares e Educação científica: Um Olhar a Partir da Literatura na Área de Ensino de Ciências. In: **Revista Ensaio: Belo Horizonte**, v.17, p.308-328, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1591/1983-21172015170202> Acesso em: 30 mai. 2019.

ZEN, Ana Maria Dalla; SILVIA, Cláudia Feijó da; MORATES, Antonio; PORTELLA, Aline; SILVA, Daniela Amaral da; MINUZZO, David Kura. Entre benzeduras, ervas e rezas: Ação política e cultural na Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, Brasil. In: Asensio, Pol, Asenjo & Castro (Eds). **SIAM**, v.4, p.135-145, 2012. Disponível em: <http://www.uam.es/mikel.asensio>. Acesso em: 05 jun. 2016.

APÊNDICE

Segue questionário semiestruturado, para utilização na pesquisa:

BENZEDEIRAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO ENTRE DIÁLOGOS E REFLEXÕES: ENCONTROS DE SABERES POPULARES EM CAPIVARI DO SUL

1. Idade e qual a origem familiar?
2. Profissão?
3. Religião
4. Quando se iniciou as práticas relacionadas ao seu dom?
5. De que maneira foi seu aprendizado? Através de quem recebeu esses conhecimentos?
6. Sua família, qual a relação que tem com esses saberes acumulados durante sua vida?
7. Em relação às ervas que utiliza na expressão do seu dom? E como as utiliza na cura das doenças?
8. Como e se acontecerá a perpetuação de seus saberes?